

AS LUZES E SUAS MARGENS MARGENS

**AS MARGENS
DA FILOSOFIA**

**CADERNO DE RESUMOS
2025**



PPGF
PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM FILOSOFIA UFRJ



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reitor: Roberto Medronho

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais

Diretor: Fernando Santoro

Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Coordenadora: Carla Francalanci

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Reitor: Roberto de Souza Rodrigues

Instituto de Ciências Humanas e Sociais

Diretora: Flávia Braga Vieira

Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Coordenador: Francisco José Dias de Moraes

Organização do Colóquio: Danilo Bilate

Colóquio realizado em 23 e 24 de setembro de 2025

Com o apoio de: PPGFIL-UFRRJ e PPGF-UFRJ

Educação e virtude republicana: Mary Wollstonecraft, Condorcet e os limites do projeto educativo ilustrado

Ana Vitória Tannús Bernardes
&
Maria Clara de Oliveira Gonçalves

Este trabalho analisa a filosofia política de Mary Wollstonecraft e Condorcet à luz das promessas e das omissões do projeto ilustrado, com ênfase na instrução pública como condição da cidadania republicana. Estes dois pensadores, fortemente ancorados nos ideais das Luzes, denunciam as limitações sociais e institucionais que impedem o exercício efetivo da razão pela sociedade, especialmente por parte das mulheres e das classes desfavorecidas. Ao reivindicar uma educação universal, gratuita e laica, Condorcet rompe com o elitismo presente em grande parte do pensamento ilustrado, propondo um modelo de república igualitária fundada na autonomia intelectual. Wollstonecraft, por sua vez, desloca o debate ao evidenciar que a exclusão das mulheres do espaço público tem raízes não apenas legais, mas também culturais e pedagógicas. Sua crítica à dependência moral e simbólica como forma de dominação revela um republicanismo exigente, comprometido com a virtude, a igualdade e a participação ativa. A análise conjunta dessas perspectivas permite repensar o legado das Luzes não apenas como herança, mas como campo de disputas, no qual os conceitos de liberdade, razão e cidadania seguem sendo rearticulados a partir de suas margens históricas.

Spinoza materialista? A querela do panteísmo

André Martins

O debate sobre a filosofia de Spinoza na Alemanha do século XVIII, nomeado “Renascimento de Spinoza” (*Spinozarenaisance*), é central para a compreensão do Idealismo alemão do século XIX. Esse debate se dá na forma do que foi considerado a “Querela do panteísmo” (*Pantheismusstreit*). Por sua vez, tal querela desemboca em outra, a do Determinismo. Tal debate inicial se concentra nas “Cartas sobre a Doutrina de Spinoza”, de Jacobi, na qual cita Lessing, tendo Meldelsohn como interlocutor. O que está em jogo é a ameaça à moral, atribuída ao spinozismo, em particular à sua concepção de Deus, e com ela uma interpretação, considerada à época como evidente e incontornável, de um Determinismo e de um Materialismo. A partir dessa contextualização, buscaremos refletir sobre as questões na origem do panteísmo e do determinismo a ele atribuído, confrontando-as ao texto de Spinoza.

Materialismo contra Deus: uma aliança entre Marx, Holbach e Diderot

Arthur D’Elia

Partindo do pensamento de D’Holbach e Diderot, pode-se caminhar na contramão da noção de que a alma “ama” sua prisão (corpo). Isso porque as religiões aprisionam os seres humanos e Deus é já um obstáculo ao próprio potencial que a humanidade tem, sendo esta última reduzida à escravidão e sua racionalidade atrofiada. Sobre isso, vale mencionar aqui uma resposta que é comum àqueles dois materialistas: a matéria em movimento é a causa de tudo o que existe, esse movimento se deve à própria energia da matéria. A matéria é entendida como absolutamente necessária. Com isso, é

fundamentalmente desnecessária a presença de um criador. O principal objetivo deste trabalho, considerando os apontamentos acima, é mostrar a similaridade da crítica à religião presente no materialismo francês com o exposto por Marx. Trata-se de desmembrar a problemática em torno da alienação religiosa e defender um mundo regido apenas por matéria em movimento em seu eterno devir.

As Luzes, uma “herança?”

Bertrand Binoche

Nada é mais ordinário do que evocar “a herança das Luzes”, seja para a reivindicar ou para a contestar. Se refletirmos sobre isso um instante, o sintagma é, todavia, bem embaraçoso, pois ele justapõe duas metáforas. Escreveu-se muito e não se parou de escrever sobre a segunda – as Luzes –, sobre a questão de saber o que se entendia por ela: em função de quais critérios circunscrever geográfica e cronologicamente seu corpus? Para dizê-lo de outra maneira, não se para de responder à inutilizável questão “o que são as Luzes?”. Em um sentido, é inevitável, pois se se trata de uma herança, é preciso se perguntar o que constitui sua matéria, o objeto mesmo do pecúlio que nos é transmitido. A impossibilidade de responder de uma vez por todas a questão, tornada um lugar comum, sem prejulgar as respostas que lhe são dadas, deveria, contudo, nos conduzir a direcionar nossa atenção para outra metáfora, a que passa, por assim dizer, sob o radar do historiador – a saber, a metáfora da “herança”.

O Deus Vernet no materialismo de Diderot

Clara Castro

O “Passeio Vernet”, passagem do *Salão de 1767* de Diderot, é um conto filosófico em que um Diderot fictício dialoga com um abade, seu companheiro cicerone. São três dias de caminhada numa região costeira e montanhosa. A conversa se desenvolve a partir da relação entre natureza e arte: quando se sente a natureza intensamente, ela torna-se arte; quando se sente intensamente a arte, ela torna-se natureza. Em meio a esse intensivismo campestre, o devoto insiste na onipotência de Deus, criador, para ele, da bela natureza; enquanto o Diderot fictício o confronta com a potência de Vernet, criador dos quadros de paisagem que se destacavam nas bienais do Louvre. O intuito desta comunicação é analisar as reflexões sobre essa “divindade” de Vernet, mostrando como o pintor, exímio intérprete da natureza, para Diderot, aplica o método da filosofia experimental na arte pictural. Uma natureza que se auto-organiza, pois é essencialmente ativa, dispensa a figura do criador. Admira-se, portanto, aquele que consegue apreender e representar seus movimentos contínuos, que sente seus fenômenos aguçadamente e os interpreta com maior rigor. Se o materialista tem um Deus, este só pode ser o gênio artista, que o faz sentir o mundo da experiência mais fortemente.

“Da física à ética”: materialismo e ateísmo no “Diálogo entre um Padre e um Moribundo”, do Marquês de Sade

Guilherme Grané Diniz

Jean Deprun descreve o movimento do pensamento do Marquês de Sade como sendo uma passagem “da física à ética”. Especificamente, Deprun pensa nas duas faces do ateísmo de Sade: sua crítica à existência de Deus e sua crítica à moralidade teísta. No fundamento de ambas as posições está o materialismo. Essa metafísica permite a Sade explicar a natureza sem precisar do recurso à ideia de Deus. Mas o aspecto menos evidente é o modo como Sade extrai as consequências éticas do materialismo: a crítica da “quimera” religiosa. Nesta fala, propomos explicar essa articulação a partir de um dos primeiros textos libertinos do Marquês de Sade: seu “Diálogo entre um Padre e um Moribundo”. Uma leitura estrutural do “Diálogo” permitirá mostrar como, nele, Sade relaciona a crítica ontológica e a crítica ética ao teísmo a uma metafísica materialista. Mais ainda, que essa metafísica implica em um corolário ético que vai além da simples negação da existência de Deus, mas demanda a crítica radical do pensamento religioso. Propomos, então, após uma introdução ao texto, analisar a articulação desses três temas – ateísmo, antiteísmo e materialismo – e concluirmos acerca das implicações desse texto para nossa compreensão da ética materialista e das Luzes em geral.

Voltaire versus Rousseau em Nietzsche

José Nicolao Julião

Em um fragmento póstumo da época de *Além do bem e do mal* (12, 9[184]), Nietzsche delineia o que ele chama do problema interminável da civilização, a luta entre Rousseau e Voltaire, iniciada por volta de 1760. Ele pinta um quadro apocalíptico sobre a vasta tela do cristianismo, Lutero, Rousseau, Kant, a Revolução Francesa, o Romantismo, o igualitarismo democrático, o nacionalismo, a moralidade, o Iluminismo, de um lado, contra o séc. XVII, do outro lado, o ceticismo religioso, a nobreza, Voltaire e todos os outros “espíritos livres”. Para Nietzsche, ainda, o “aristocrático” Voltaire defendeu a civilização como uma vitória sobre a barbárie da natureza e da bestialidade inata do homem, enquanto o plebeu Rousseau, exortava a derrubada revolucionária de todas as ordens sociais em nome do patrimônio da bondade natural do homem. Nietzsche pensava que Voltaire tinha entendido corretamente que o homem é como um animal de rapina e que a civilização é um triunfo admirável sobre a natureza bestial. É por isso que Voltaire sentiu “a mitigação, as sutilezas, as alegrias espirituais do estado civilizado”, ao contrário de Rousseau, cuja concepção idealizada de natureza levou-o a lançar uma maldição sobre a sociedade e a civilização. Esse conflito foi decisivo não só para Voltaire pessoalmente, mas para toda civilização da Europa. A partir de então, Voltaire deixou de ser um mero *bel esprit* e se tornou “um homem de seu século”, cuja intensa inveja e ódio de Rousseau o elevaram. Essa leitura crítica e ousada de Nietzsche em contrapor Voltaire a Rousseau, claramente se deve muito, em particular, ao próprio Voltaire, cuja famosa piada acerca do *Discurso sobre Origem da Desigualdade* (Carta de Voltaire a Rousseau, de 30/08/1755) foi a primeira em uma longa sucessão de representações do filósofo suíço como um primitivista antissocial: “Ninguém jamais empregou tanta vivacidade em nos tornar novamente animais: pode-se querer andar com quatro patas, quando lemos vossa obra. Entretanto, como já faz mais de sessenta anos que perdi esse costume, percebo, infelizmente, que é impossível recomeçar, e deixo essa maneira natural àqueles que são mais dignos que vós e eu”.

Luzes que iluminam e incendeiam: desdobramentos críticos da herança iluminista em Nietzsche

Juliane Maciel Miranda

A influência do Iluminismo na filosofia é abrangente, principalmente quanto ao pensamento do século XIX. Certas menções de Friedrich Nietzsche (1844 - 1900) ao *Aufklärung* revelam traços dessa influência; no entanto, a posição do filósofo no que se refere às Luzes é dúbia. Nossa apresentação será centrada na relação entre Nietzsche e o Iluminismo, a fim de contribuir com debate sobre as impressões do filósofo a respeito do tema. Apresentaremos trechos do autor que sustentam leituras favoráveis à interpretação de que sua obra elogia certos aspectos do Iluminismo, ainda que sua aparente rejeição ao movimento critique sobretudo o racionalismo dogmático e o otimismo progressista, posição coerente com seu projeto filosófico. Nos concentraremos em suas fases intermediária e madura, de *Humano, demasiado Humano* (1878) à *Genealogia da Moral* (1887), destacando possíveis mudanças de perspectiva e continuidades ao longo de seus escritos. A relevância das críticas de Nietzsche na filosofia contemporânea evidencia a força de seu pensamento intempestivo. No contexto atual, em que razão e ciência seguem em disputa — como evidenciado no cenário sociopolítico global — as reflexões de Nietzsche sobre o Iluminismo mostram-se pertinentes e necessárias.

Racionalismo vs. Empirismo: atualizações para o balanço de um erro historiográfico

Lourenço Fernandes Neto e Silva

Buscamos reconstituir o argumento historiográfico, feito por autores recentes (Gaukroger, Vanzo, Anstey...), de que a divisão canônica entre Racionalismo e Empirismo não daria conta verdadeiramente da epistemologia do período moderno. O argumento se baseia na constatação de que a divisão é de lavra kantiana, e de que seus termos não estão presentes como tais nas discussões da maior parte dos filósofos que seriam posteriormente encaixados nestas categorias. Reuniremos os resultados de diferentes pesquisadores para esboçar um panorama do modo como a versão canônica da história da filosofia foi modificada, no apagar pós-kantiano das Luzes, para reorganizar todo o período anterior. Aquela divisão, porém, é de fato anterior a Kant, embora marginal; e será possível acompanhar sua história mais de perto para só então julgarmos a pertinência ou não de estabelecer, na transição ao século XIX, uma nova versão completa da história geral da filosofia moderna. Pretendemos fornecer um balanço suficientemente imparcial da questão, e ensaiar considerações quanto ao significado mais amplo de uma reformulação da versão canônica da história da Filosofia, comparando as versões anterior e posterior à divisão Racional-Empírico, e buscando avaliar o que ela esclareceu ou obscureceu a respeito do século das Luzes para os autores posteriores.

Devorar o humano: por uma leitura canibal do materialismo sadiano

Marco Menin

Minha comunicação propõe interrogar a obra do marquês de Sade a partir de um ponto de vista marginal, mas central: o canibalismo como paradigma filosófico. Longe de ser uma simples provocação literária, a antropofagia sadiana se torna, nos romances como *Aline et Valcour*, *Juliette* ou *La Nouvelle Justine*, a figura extrema de um materialismo ateu e imoral, que leva as Luzes até o seu

ponto de ruptura. Na contramão das concepções finalistas ou harmoniosas da Natureza, Sade propõe dela uma visão radicalmente destruidora: a Natureza cria para destruir e todo ser vivo é obrigado a devorar o que ele deseja. O canibalismo, nesse quadro, funciona como uma estrutura ontológica da relação entre os indivíduos, fundada sobre a apropriação, o gozo e o aniquilamento do outro. Analisaremos três figuras do canibal: 1) o canibal real, espelho crítico do etnocentrismo ocidental; 2) o canibal por escolha, encarnação de uma libertinagem materialista radical; 3) o canibal simbólico, metáfora operatória de uma Natureza amoral e autodevoradora. Articulando antropologia filosófica e imaginário alimentar, Sade revela a face negra das Luzes; a de um materialismo sem fundamento ético, no qual o desejo de destruição se torna lei primeira. O canibalismo, assim compreendido, constitui uma marginalidade filosófica exemplar, reveladora das tensões irresolvidas entre naturalismo, moral e subjetividade na era das Luzes.

Hume, Kant e Popper: é possível escapar do irracionalismo?

Marcus César Ferreira Oliveira

Para Karl Popper (1902 – 1994), o problema da demarcação tem origem no problema da indução – saber se inferências indutivas estão racionalmente justificadas. Poderíamos pensar tal problema como sobre distinguir enunciados sintéticos de analíticos. Segundo Immanuel Kant (1724 – 1804), quem mais se aproximou desse problema foi David Hume (1711 – 1776). Hume apresenta, em *Investigações sobre o entendimento humano* (1748), o problema: conhecimento do passado não implica conhecimento do futuro. Apesar de ter “provado de forma irrefutável”, segundo Kant, que a relação de causalidade não pode ser conhecida racionalmente, Hume afirma ser impossível ao entendimento evitar tais operações -- sua posição cética degenera em irracionalismo. Kant investiga, em *Crítica da Razão Pura* (1781), o problema de Hume (quem o despertou do sono dogmático): a possibilidade dos juízos sintéticos a priori. Sua obra possui inegável importância filosófica, entretanto acompanhamos Popper: o recurso kantiano ao apriorismo não deve ser celebrado como racional. Mesmo o epistemólogo vienense, de verve antidogmática, falhou em afastar as sombras irracionais. Em *Realismo e o objetivo da ciência* (1983), Popper defende que certo dogmatismo é necessário. Pensando o legado das Luzes para a filosofia, a comunicação coligirá elementos para fundamentar a pergunta em seu título, enfatizando continuidades nos três autores.

A segunda volta do parafuso: a razão na era contemporânea

Ronaldo Pelli

Tendo como influência, de um lado, a interpretação foucaultiana do texto de Kant sobre a *Aufklärung*, de que foi o filósofo alemão o primeiro a pensar sobre como seria necessário filosofar sobre o tempo corrente, o que teria sublinhado um modo de encarar a Filosofia – o de atuar diretamente sobre o presente – e seguindo, além disso, a proposta do terceiro eixo temático deste encontro, que propõe abordar a herança das Luzes, essa comunicação vai defender, a partir de uma leitura nietzschiana, como a razão seria encarada nos dias de hoje tanto por pensadores que seguem uma linha que poderia ser vista como anti-iluminista (Latour, por exemplo) tanto como por uma parcela do senso comum que defende posições anticientíficas. Se há grupos que se posicionam contra o racionalismo, a ciência e a favor da religião, a resposta, seguindo Nietzsche, não deveria ser voltar aos princípios do Iluminismo, pensados de forma estrita, mas fazer uma *transvaloração dos valores* e demonstrar que esses temas do movimento setecentista não podem ser vistos como as únicas formas de entender a complexa teia de relações que formam a realidade. É necessário acrescentar mais camadas de verdade que incluam, às vezes, até mesmo visões antagônicas.

Charles Darwin sob a luz do Século das Luzes

Walter Valdevino

Nenhum intelectual elabora suas teorias em um vácuo, e o naturalista Charles Darwin é um excelente exemplo de como suas ideias foram moldadas por um complexo contexto de influências sociais, políticas e filosóficas que remontam ao Século das Luzes. Iniciarei explorando alguns aspectos da imersão de Darwin em seu tempo histórico-intelectual. Em seguida, abordarei o impacto específico da Lunar Society de Birmingham – um grupo informal de pensadores e inovadores que floresceu no coração da Revolução Industrial britânica. Essa rede de amigos e colaboradores, que incluía o avô paterno de Charles Darwin, Erasmus Darwin, e seu avô materno, Josiah Wedgwood, exerceu uma influência crucial sobre o jovem Charles, tanto diretamente quanto através da filosofia transformista universalista e orgânica de Erasmus, que já antecipava a ideia de transformação contínua na natureza. Finalmente, a apresentação destacará a influência do Iluminismo Escocês, particularmente nos aspectos sociais da teoria da evolução de Darwin. Exploraremos como Darwin incorporou ideias de filósofos como Adam Smith e David Hume, especialmente em sua teoria da evolução cultural delineada em *A Descendência do Homem*. Conceitos como ordem espontânea, individualismo metodológico, a importância da diversidade e da variedade, a luta pela existência, e a simpatia foram emprestados e adaptados do pensamento econômico e moral escocês, fornecendo uma fundamentação social e filosófica essencial para a compreensão de sua visão da natureza e da humanidade.

Ateísmo e moral: a questão da tolerância no materialismo ateu de Barão de Holbach

William Romualdo

Trata-se de analisar como o Barão de Holbach (1723-1789) considera a questão da tolerância e, por conseguinte, da crítica à intolerância religiosa, em relação à “ciência dos costumes”, em dois momentos da sua filosofia materialista. Primeiramente, demonstraremos os argumentos de Holbach acerca da afirmação de que a tolerância é incompatível com os princípios de toda religião – em *La Contagion sacrée* (1768), início da carreira filosófica do barão. Em seguida, abordaremos um texto da fase madura de Holbach, *La morale universelle* (1776). Holbach irá considerar que a tolerância é uma das virtudes sociais, ou seja, um dos deveres do homem em seu estado de sociedade. Diante dessas premissas, propomos alguns questionamentos com o objetivo de fomentar nossa discussão acerca do tema apresentado: qual a influência dos costumes em relação à tolerância? Por vezes acusado pelos religiosos de ser intolerante, qual a visão do ateu virtuoso acerca da tolerância? Deve o ateu virtuoso tolerar os intolerantes? Analisaremos a possibilidade de responder a tais questões com o materialismo ateu de Holbach que de alguma maneira contribui com as reflexões já consagradas por alguns pensadores, sobre a questão da tolerância e dos costumes, no contexto da Filosofia das Luzes.